

## A MANEIRA CORRETA DE ESCREVER

Todas as línguas, cada uma delas com suas origens e evolução particulares, têm suas próprias estruturas e singularidades. Suas regras são bem definidas e seu uso vai se moldando, adaptando e consolidando no tempo. Geralmente associados a países ou geografias individualizadas, mesmo que igualmente existentes nos diferentes campos de atividade, as linguagens refletem modos, tradições e costumes reconhecíveis, dos povos e comunidades que as utilizam.

A ciência também tem sua linguagem própria. Suas características principais são a precisão, dada pelo uso de expressões unívocas, e a concisão resultante de seu emprego adequado e restringido. Dita linguagem tem que ser utilizada apropriadamente na comunicação oral e, mais ainda, na escrita. Não se trata de uma gramática diferente para ser usada na redação dos trabalhos científicos, mas de um enfoque e um estilo particular.

A estrutura das comunicações de resultados de investigação e dos artigos científicos segue um padrão bastante rígido, consolidado através do tempo desde a aparição das primeiras revistas científicas há mais de três séculos. Por outra parte, as revisões e os ensaios admitem uma maior flexibilidade em sua estrutura, mas não assim no uso da linguagem.

No primeiro caso as pautas são claras. O título deve ser curto, mas suficiente para mostrar ao leitor do que se trata o trabalho apresentado. O resumo deve ser muito curto e claro, e indicar a razão de ser do trabalho, como se realizou, o que se obteve, o que significa e para que serve o exposto. A introdução não deve ser um relato exaustivo do campo de trabalho, mas uma visão em perspectiva do estudo realizado. Os métodos devem permitir a qualquer leitor repetir o procedimento empregado e os resultados devem ser concisos e incluir somente aquilo que é relevante. A discussão, que reveste grande

importância, não deve repetir o já dito, mas sim destacar aquilo que é pertinente e colocá-lo no contexto do que se sabe. As figuras e tabelas devem ser elaboradas com grande cuidado para mostrar o que se quer sem serem repetitivas.

No segundo caso, o de artigos de revisão e ensaios, tudo é mais flexível. O que lhes dá significação é a lógica dentro da apresentação, a clareza das ideias e a relevância do que é exposto. Aqui é mais importante guiar ao leitor através de uma sequência bem definida de fatos ou ideias e manter seu interesse pelo que será apresentado mais adiante.

No entanto, acima da estrutura adequada e da correta utilização do jargão científico no que se refere ao uso de unidades internacionais, convenções para entrevistas e referências, uso de itálicas, etc. está a gramática. Todo texto deve cumprir estritamente com as regras gramaticais de redação que correspondam. Todavia que estas são estudadas na escola, unicamente se consolidam e aperfeiçoam através do hábito sustentado da leitura e a prática abundante da escritura.

Em *Interciência*, embora se reconhece a posição predominante e universal do idioma inglês na corrente principal da ciência, tem-se defendido desde o começo a opção de que cada autor ou grupo de autores considere a sua língua nacional como o melhor meio de comunicação. Seja pela valorização de suas próprias habilidades ou por aquelas da audiência a quem se dirige uma apresentação oral ou escrita, a utilização da língua própria por parte dos investigadores para a difusão de suas investigações ou da ciência em geral é inteiramente válida. Para que seja bem feito é imprescindível utilizar uma maneira correta de escrever.

MIGUEL LAUFER  
Diretor